

# 7 de Abril – Dia Mundial da Saúde e o COVID-19

Por Jairo Silva Alves

Aliadas às questões filosóficas do isolamento, somam-se questões materiais cuja extensão não nos é possível calcular. A grande maioria da população mundial, e nesta reflexão, especificamente, os brasileiros em isolamento social vemos um passivo crescente e alarmante, independente das políticas governamentais, que tornam a avaliação precisa do impacto impossível. Estamos no mesmo barco – todos.

## Sobre o autor

Presidente da SOBED, Graduado em Medicina pela Universidade Federal de Minas Gerais (1983), com residência em Clínica Médica pelo Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (1985), especialização em Endoscopia Digestiva (1986) e doutorado em Medicina (Gastroenterologia) pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006).



# 7 de Abril – Dia Mundial da Saúde e o COVID-19

---

Em 1948, no pós guerra, foi fundada a World Health Organization (WHO). Desde então, convencionou-se celebrar o dia 07 de abril, como o dia mundial da saúde. Além de lembrar o dia da fundação da WHO, a data também buscou chamar a atenção para todas as questões relacionadas à saúde humana. Nesta semana, pela primeira vez, a WHO celebrará esta data em meio ao caos. E, como terráqueos, trabalhando ou não com a saúde humana, estamos sempre discutindo e buscando compreender o que é e como obter este estado para o corpo e a alma. Nestes últimos meses, todos nós, em todos os cantos da terra, estarecidos, nos dobramos ao medo do encontro inusitado do invisível inimigo. Vamos celebrar o dia mundial da saúde em meio a uma pandemia de alcance imprevisível e resultados indefinidos.

Como um senhor de 60 anos tranquei minha clínica e, no IAG HCUFG, aonde também trabalho, fui comunicado de que eu seria direcionado para a realização de trabalhos com menor possibilidade do contágio com o SARS CoV 2, nome de robô de filme de ficção científica. Ocorre que, independente do maior risco de desfecho ruim para este senhor (sem nenhuma doença que não seja a corrosão do tempo), constatei que minha alma, já estava contaminada. E que a prisão domiciliar sem direito a visitas e com sessões inter-mináveis de tortura por objetos eletrônicos, aparentemente dóceis, me faria confessar meus medos e minhas saudades futuras. A minha musculatura dorsal contraindo involuntariamente fez com que minhas hérnias de disco clamassem por socorro; já confessaria tudo. Até a minha incapacidade de descartar o amor impossível. Até a minha dificuldade enorme em descartar a raiva e, por consequência deixar brotar o perdão.

Aliadas às questões filosóficas do isolamento, somam-se questões materiais cuja extensão não nos é possível calcular. Todos nós médicos temos custos mensais relacionados à nossa prática; nós endoscopistas então, pelo nosso trabalho que exige alto nível de qualificação pessoal e dos equipamentos e insumos, com custos nunca adequadamente repostos pelas fontes pagadoras. E, o mesmo sistema que nos cobra a realização de procedimentos com a máxima segurança, é o mesmo que não nos garante EPIs, sob alegação de sua escassez. Também não vi, até o momento, nenhuma determinação dos órgãos reguladores, das seguradoras ou cooperativas de saúde acerca de quem pagará a conta dos EPIs específicos para este tempo, absurdamente caros. Temos que usar, não sabemos se existem no mercado e, nem aonde adquirir. Até este momento, pagando a fatura.

E assim confinados, quase totalmente, fomos! As sessões de tortura eletrônicas/digitais (sempre considerei grandes conquistas) se desnudaram e passaram a soar como castigo aos pecados da minha alma pequena. Tentei me desvencilhar do martírio abraçando a música que sempre me abriu os braços e me acariciou a alma. Mas, nem Rachimaninoff, com a delicadeza de suas notas, penetrando na minha mente pela memória, sem esbarrar no meu ouvido, conseguiu diminuir a minha agonia. A sensação que tinha era de que rompeu uma barragem de lágrimas, que teimavam em escorrer por todo o meu rosto, pelos sulcos do tempo, tentando me trazer de volta a superfície. Acrescentei outras medidas terapêuticas insisti em ler meus livros, acumulados e empoeirados na estante da varanda de meu quarto. São tantos meio lidos e esquecidos pela falta do tempo rouba-

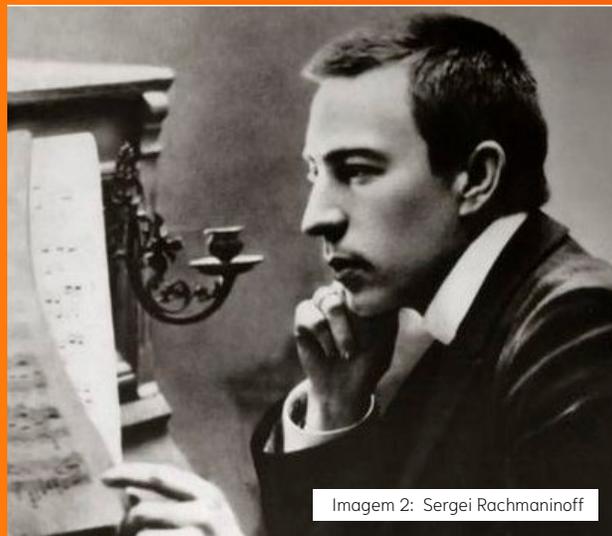


Imagem 2: Sergei Rachmaninoff

Clique aqui e dê play para ouvir uma coletânea de músicas do consagrado virtuoso pianista e compositor russo, Sergei Rachmaninoff como música de fundo da sua crônica.

do. Somente consegui ler livros e textos técnicos. Tudo para conhecer nosso inimigo, destruí-lo e se não desse, para traçar uma rota segura de fuga. Meus livros de filosofia, poesia, história e estórias. E agora, com esse tempo devolvido à força. Não me alegro com os romances com final feliz. Vivi o meu. Estes dias, nem com rock and roll.

O que me trouxe de volta a lucidez foi a lembrança dos meus sonhos. Escolhi medicina pela possibilidade de lidar com a dor do outro. Não com a minha. Por isso, todos os livros lidos outrora, todas as músicas que ouvi, todos os amigos que fiz, todas as minhas escolhas me moldaram para viver e sobreviver. E a compreender o outro. Amigo ou desconhecido. E nós, endoscopistas, especialistas que somos, lidando em inúmeras frentes, nos esbarrando em diferentes especialidades, tratamos ou ajudamos no tratamento das dores e enfermidades do corpo e da alma. Como médicos, somos importantes na travessia deste tempo estranho.

Volto então a refletir sobre a saúde no dia de sua celebração. Acho que, a saúde que buscamos para nós e para os nossos pacientes está no ofício, nas relações afetivas, nas relações de trabalho, nas pequenas e grandes conquistas. É quase um estado de felicidade, mesmo que não percebido. De minha parte, quando minha neta, Helena me liga no facetime e sorri, recebo uma dose terapêutica do melhor medicamento do mundo. Basta sorrir. Silvia Sanches, nossa gerente na SOBED, workaholic, provavelmente, desde a mais tenra infância, acorda já com um dos aparelhos de tortura na mão, enviando e-mails, whatsapp, mensagens... Mas, tudo decodificado em



Imagem 3: Dr. Jairo e sua netinha, Helena

eficiência/competência e, com objetivos tão claros! Chegam sempre como solicitações ou sugestões que auxiliarão a tantos colegas. Isso contagia e vira um tsunami. Um tsunami do bem. Que move uma equipe de colegas competentes, que juntos, formam um batalhão de grandes lutadores. Aí não tenho dúvidas. Informação, contra-informação, comunicação, reuniões, notas técnicas, recomendações, planejamento, estratégia e logística. Defesa dos nossos endoscopistas pelo país inteiro. Defesa dos nossos pacientes. O adequado posicionamento da SOBED aos associados e à população.



Imagem 4: Foto histórica, 45 anos de presidentes da SOBED

Reflico quanto a nossa necessidade de reclusão como cidadãos e a nossa necessidade de atendimento como médicos. Lidamos com urgências e com pacientes que demandam atenção em tempo hábil que, mesmo sem caracterizar uma emergência (pacientes em seguimento oncológico, em programa de erradicação de varizes esofago-gástricas com alto risco de ressangramento, com dilatações em vários órgãos) não podem ter seu atendimento interrompido. Não podemos nos subjugar ao medo, à tristeza ou mesmo à doença, se contaminarmos. Temos que responder a estas demandas. Devemos tratá-los e devemos sobreviver. Ao medo imponderável, o descarte como um vírus altamente infectante. Mas sempre com as nossas armas e armaduras. Paramentados, parecemos cavaleiros medievais. Fazamos o que devemos fazer.

Mas, pensando no coletivo, na saúde do nosso sistema frágil e por consequência, na saúde dos nossos pacientes, sejamos úteis também em não realizar os procedimentos que possam

ser adiados, sem prejuízo para o paciente. Sejam responsáveis em não permitir que nossas/os funcionários/as corram riscos; ou que os pacientes que depositaram em nós a esperança da melhora ou cura também não sejam expostos nas nossas clínicas. Nessa desarmonia do nosso tempo chamada pandemia, o imponderável pode ocorrer. Não nos permitamos não nos perdoar. Saúde, neste tempo de desarmonia requer equilíbrio, cuidado, revisão dos nossos sonhos, que muitas vezes confundimos com as nossas ambições. E a saúde do outro, que motivou esta nossa grande viagem, requer a nossa saúde.

Saúde a todos! Com ponto de exclamação. E, para não perder a minha, sozinho na minha varanda, no tempo do sossego que me impuseram, vou reler um dos livros que mais me emocionou nesta vida. Terra Sonambula, escrito por Mia Couto. O li pela primeira vez em 2008 e não consigo esquecer de vários diálogos entre o velho Tuahir e o menino Mindinga, durante a viagem épica da procura de sua família perdida. Esta excelente obra também se refere à uma pandemia, a guerra. Encerro esta crônica com uma das falas do velho Tuahir “O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazer parentes do futuro”.

Saúde e Sabedoria a todos.

**“ E a saúde do outro, que motivou esta nossa grande viagem, requer a nossa saúde. ”**